

A pista de Istambul

Como Estados Unidos e Reino Unido levaram Zelensky a suspender as negociações de paz com a Rússia logo depois do início da guerra apesar das concessões russas

Le Monde Diplomatique, maio de 2024

Editorial, por [Benoît Bréville](#)

Mas o que estão fazendo os jornalistas e comentaristas franceses, geralmente tão apreciadores de "documentos secretos" sobre a Rússia? Eles que caçam qualquer "plano oculto" de Moscou destinado a dissolver a coesão das sociedades democráticas, qualquer "toupeira" russa à espreita no aparato estatal? Em 28 de abril, o diário conservador alemão *Die Welt* serviu-lhes numa bandeja de prata um projeto confidencial do Leste, a versão mais recente do acordo de paz negociado por Kiev e Moscovo no início da guerra. Um texto importante, cuja aprovação poderia ter evitado dois anos de confrontos e centenas de milhares de mortes. A mídia francesa não fez quase nada a respeito (1), talvez ansiosa para não se aprofundar em um caso em que o campo belicista ocidental não desempenha o melhor papel.

Istambul, 29 de março de 2022. As delegações russa e ucraniana estão reunidas para uma nova rodada de negociações, a sétima em um mês, em um contexto militar em mudança, onde o agressor russo está sofrendo seus primeiros reveses. No final das discussões, cada lado saudou os progressos "*significativos*" e mostrou o seu otimismo. Kiev está abrindo a porta para um status de neutralidade, Moscou para um cessar-fogo. No entanto, as discussões são interrompidas, por motivos que permanecem em debate. O documento do *Die Welt* fornece alguns esclarecimentos.

Segundo a versão oficial, a revelação dos massacres de Bucha nos primeiros dias de abril mudou a situação, convencendo o presidente Volodymyr Zelensky de que não poderia mais negociar com "genocidas". Na realidade, as trocas continuaram, por videoconferência, quase quinze dias após a descoberta dos crimes de guerra, até 15 de abril. Duas semanas de negociações que transformaram as principais linhas definidas em Istambul em um texto detalhado, de dezessete páginas. Lendo-o, pode-se medir as prioridades dos dois campos e a extensão dos compromissos aos quais eles estavam dispostos a pôr fim aos combates.

Em vez de conquistas territoriais, a Rússia busca obter garantias de segurança em suas fronteiras, afirmando desde o primeiro artigo a "*neutralidade permanente*" da Ucrânia, que aceitaria renunciar a qualquer aliança militar, proibir a presença de tropas estrangeiras em seu território, reduzir seu arsenal, mantendo a possibilidade de ingressar na União Europeia. Em troca, Moscou teria se comprometido a retirar suas tropas das áreas ocupadas desde 24 de fevereiro, para não mais atacar a Ucrânia, e teria concordado com o mecanismo de assistência solicitado por Kiev para garantir esse compromisso: em caso de agressão contra a Ucrânia, os membros do Conselho de Segurança das Nações Unidas estariam comprometidos em defendê-la.

Por que os ucranianos finalmente deixaram a mesa de negociações, apesar de terem continuado as discussões, apesar de Bucha, e a paz parecer ao alcance? Nos últimos dois anos, houve indícios da responsabilidade dos Estados Unidos e do Reino Unido, que,

confiantes demais na derrota de Moscou, teriam rejeitado firmemente o mecanismo de proteção imaginado pelos negociadores. "*Quando voltamos de Istambul, Boris Johnson chegou a Kiev [em 9 de abril] e disse: 'Não vamos assinar nada com [os russos], vamos continuar lutando'*", relatou recentemente o chefe dos negociadores ucranianos, David Arakhamia (2). Este relato é contestado pela pessoa em causa, mas corroborado por uma investigação do *Wall Street Journal* (3).

A mídia francesa, por outro lado, está olhando para o outro lado.

(1) Em associação com o consórcio que fez esta revelação, o *Le Figaro* publicou uma tradução do artigo do *Die Welt*, mas no seu sítio Web. A informação foi, de resto, retransmitida de forma sucinta pelos sites do *Midi Libre*, *La Dépêche du Midi* e *Le Parisien*.

(2) Citado em Olena Roshchina, "[Chefe do principal partido da Ucrânia afirma que a Rússia propôs 'paz' em troca de neutralidade](#)", *Ukrainska Pravda*, 24 de novembro de 2023.

(3) Yaroslav Trofimov, "[A Ucrânia perdeu uma chance precoce de negociar a paz com a Rússia?](#)" *The Wall Street Journal*, Nova York, 5 de janeiro de 2024.